

HORÓSCOPO DE DEZEMBRO A MAIO



Povo de Santo
e Axé

O IROKO ISÓ! ÉÉRÓ!

ORISÁS REGENTES

2026

POR PAI JOMAR D'ÒGÚN





casa de
OGUN

A MAIOR LOJA DE
CADOMBLÉ, UMBANDA E IFÁ
EM PORTUGAL!



www.casadeogun.com

📍 Alameda Guerra Junqueiro nº34 Laranjeiro | 2810-072 Almada | Portugal



(+351) 212 595 408 | (+351) 932 131 177



EDITORIAL

Nos tempos que correm de tanta insensatez, de tanta insegurança a nível mundial... quase que parece que estamos a regredir em tanto que já se conquistou, sobre os que sofreram antes de nós; refiro-me ao início da luta para vingar a liberdade dos hoje, cultos afro-brasileiros, que convém que tenhamos esta noção.

Não podemos continuar entre nós e para com os outros de fora, de outras religiões ou não, com uma postura ou posturas que em nada nos dignificam.

A leveza com que às vezes nos exteriorizamos, pouco ou nada fazem jus à nossa credibilidade, enquanto religiões de matriz afro-brasileiras. (hoje bem poderíamos também chamar em Portugal religiões de matriz afro-luso-brasileiras).

Não basta sermos sérios, porque o somos.

Não basta dizer que amamos os nossos Orixás, (Orixás) porque os amamos.

Não basta dizermos que respeitamos também os outros, como queremos e exigimos que nos respeitem.

Não basta ser!

À mulher de César, não basta ser honesta, deve parecer!

Nós vamos continuar, assim Olorun (Deus), nos ajude.

O Director
Dr. José Pinto

O

FICHA TÉCNICA: Povo de Santo e Asé

Propriedade de: Lendas & Cultos

Morada: Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10
2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

NIF: 508 573 025

Nº Registo na E.R.C: 125412

Depósito Legal: 280080108

Director: J. Pinto, (Ogum)

Director Adjunto: P. Fialho, (Yemanjá)

Sede de Redacção:

Rua Qta. das Padeiras - Viv. S. Jorge, nº 10
2815-795 Sobreda da Caparica - Almada

Periodicidade: Semestral

Coordenador Gráfico: Rui Toscano, (Logun Odé)

Redação: Miguel Dinis, (Ogum)

Comercial: Licínia Marques, (Osun) +351 962 211 762

Representante legal na Bahia - Brasil:

Aristides de Oliveira Mascarenhas (Osalá Osaguián)

TM: +351 962 754 040

E-mail: povosantoease@gmail.com



Notas:

1. Toda a imagem e conteúdos dos anúncios publicados nesta revista, são da exclusiva responsabilidade dos respectivos anunciantes;

2. A redação desta revista está elaborada segundo o novo acordo ortográfico.

SUMÁRIO

Documentário Informativo	4
Iroko / Tempo	5
Orisás Regentes 2026	8
O Passe Energético	11
A Ancestralidade na Tradição Africana	13
A força dos Atabaques	16
Saída de Ajoyé	19
Espiritualidade Ecuménica	21
Página dedicada à Umbanda	24
Viva Alégre Coma Saudável	27
Previsões Astrológicas	28
Saída de Yao	30
Gameleira Branca	32
O Candomblé, Expressão...	35



O

A BANDEIRA BRANCA

DO CANDOMBLÉ

A bandeira branca, associada ao orixá do Tempo - Kitembo na tradição Angola ou Iroko na tradição Ketu e Umbanda - simboliza o domínio do Tempo sobre a vida, a natureza e a evolução espiritual. Originária das tradições bantu, serve como guia ancestral e sinal da ordem cósmica, sendo colocada no ponto mais alto do barracão como símbolo de direção, conexão com os antepassados e importância espiritual.





IROKO | TEMPO

Órisà representado pela mais sumptuosa árvore das casas de Candomblé e guardião das matas. É um Órisà muito antigo. Representa a ancestralidade, antepassados (Pais, Avós, Bisavós, ...) representa também o seio da natureza, (morada de todos os Órisás. Desrespeitar Iroko, é desrespeitar a nossa dinastia, avós e sangue. É um Órisà pouco cultuado no Brasil e seus filhos também são raros.

Iroko representa a história do Ilê, assim como do seu povo. É protector exacerbado dos seus filhos. Quem promete a Iroko / Tempo, deve cumprir.

É referido como **“Órisà do Grande pano Branco”** que envolve o mundo, numa alusão clara às nuvens do céu.

Personalidade dos filhos de Iroko:

São eloquentes, camaradas, ciumentos, inteligentes e competentes.

Atentos a todos e tudo o que se passa em sua volta. Gostam de diversão comer e receber bem. Apaixonam-se por tudo com muita facilidade, assim como gostam de liderar. Dotados de senso de justiça, são amigos queridos e inimigos terríveis; mas reconciliam-se com facilidade, não conseguem guardar segredo, são teimosos “turrões”.

Dia da semana: Segunda-feira

Elementos: Todos (Terra, Água, Fogo e Ar)

Cor: Verde, Branco e vermelho

Planta/Flor: Gameleira Branca



Símbolos: Gameleira Branca

Domínios: Grandes árvores, variações Climáticas e florestas

Saudação: Zara Tempo, Tempo Zara! / Iroko i so! Ééró!

Sincrétismo: São Francisco de Assis

No riquíssimo panteão do candomblé, cada orixá transporta consigo uma história singular e um conjunto próprio de atributos. Iroko, muitas vezes chamado o Orixa das Árvores, ocupa um lugar de honra como guardião das florestas e ponte entre o mundo espiritual e o plano terreno. Convidemos, pois, o leitor a penetrar na narrativa fascinante e nas características profundas deste venerado espírito ancestral. Iroko é cultuado desde tempos imemoriais, considerado o primeiro a ser plantado, aquele de cuja existência todos os outros Orixás descendem à Terra. Ele encarna a própria essência do Tempo, sendo o soberano das árvores sagradas, o precursor que recebe a obediência dos demais Osa Iggi, pois é o Iggi Olórún, a árvore do Senhor do Céu.

No candomblé do Brasil, é reverenciado como Iroko, Iroco ou Roko, entre os da nação Ketu, e como Loko entre os da nação Jeje. A sua presença manifesta-se em todas as assembleias dos Orixás, silencioso num canto, registando cada decisão que incida sobre a sua atuação

eterna. Este Orixá é pouco conhecido pelos vivos e pelos mortos, pelos nascidos e pelos que ainda estão para nascer, e toda a criação se encontra sujeita aos seus desígnios.

Senhor absoluto do Tempo e do Espaço, Iroko acompanha e exige o cumprimento do karma de cada indivíduo, determinando o início e o término de todas as coisas. O seu culto é antiquíssimo e tem eco em diversas culturas do mundo, sendo reconhecido sob nomes e funções que variam, mas que sempre convergem para a sua natureza primeva.

Guardião das florestas seculares, representa o colectivo das grandes árvores e simboliza a ancestralidade. Em África, reside na árvore iroko, Milicia excelsa, presença majestosa que domina vastas regiões. No Brasil, onde a árvore iroko não existe, associa-se à gameleira-branca, Ficus gomelleira, igualmente imponente, e que nos terreiros é marcada por um ojá — um laço de pano branco — atado ao seu tronco.

Iroko encarna a história e a ancestralidade; desrespeitá-lo é desrespeitar os antepassados e a própria memória do llê(casa) e do seu povo, que ele protege contra as tempestades. Diferentemente da maior parte dos Orixás, raramente “desce” nas festas de santo, sendo cultuado sobretudo através de oferendas oferecidas à árvore que o representa. Os seus animais consagrados são a tartaruga e o papagaio.

Embora pouco celebrado, os seus filhos são raros e sempre guardados pelo seu Orixá. A sua importância transcende fronteiras e culturas, ecoando em tradições antiquíssimas e perpetuando-se como guardião intemporal da História e do Tempo.

Iroko é a personificação das árvores antigas, o espírito que habita uma figueira sagrada. A sua presença é frequentemente associada à sabedoria, à paciência e ao vínculo profundo com os ancestrais. Representa a estabilidade e a força que as árvores monumentais simbolizam na natureza.

Lendas do Orixá Iroko

As lendas, mais do que contarem factos, têm sobretudo a particularidade de nos transmitirem o conhecimento de uma determinada energia. É também nas lendas que percebemos o porquê de algumas formas de estar e de ser dos filhos de um determinado Orixá; da sua forma de se relacionar com os outros, com as coisas, situações e com o mundo...

Nos primórdios, quando o mundo ainda girava ao ritmo dos movimentos cósmicos, Iroko decidiu realizar uma dança sagrada. Convocou todas as árvores do reino vegetal para participarem nessa celebração única. Cada passo de Iroko dava origem a uma nova espécie de árvore, e assim a floresta se povoou de uma diversidade prodigiosa. As folhas que se desprendiam durante essa dança eram tidas como sagradas, portadoras da energia única do

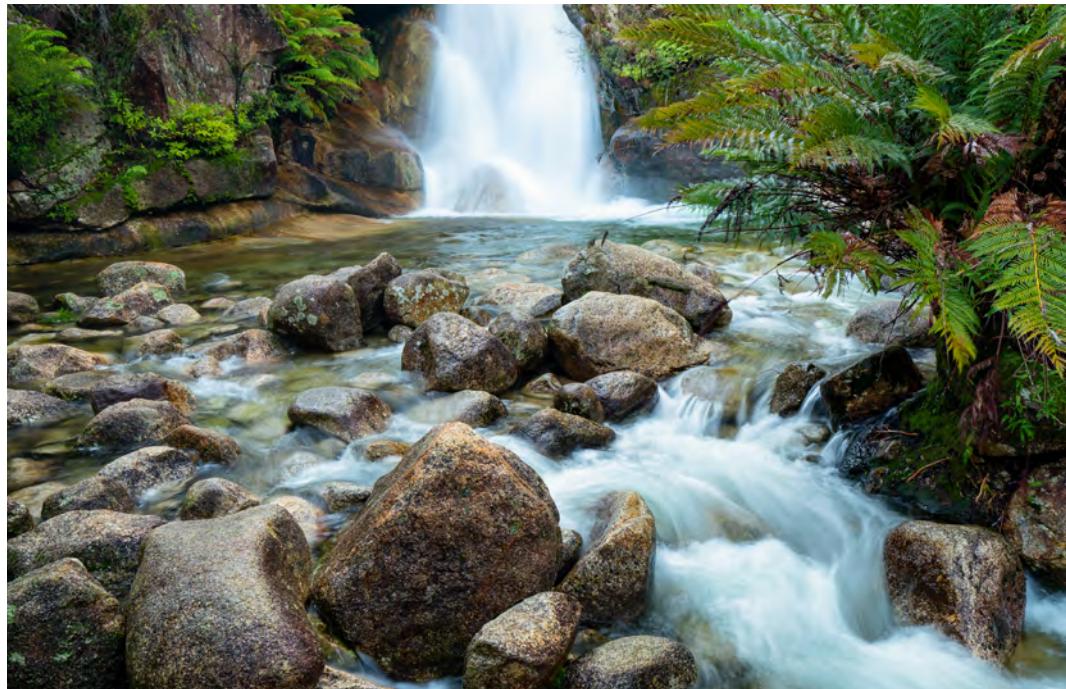
orixá. Diz a tradição que estas folhas, quando usadas em rituais, estabelecem uma ligação direta entre os devotos e a essência de Iroko. Conta-se ainda que as raízes de Iroko são mais do que simples estruturas de sustentação: estendem-se ao mais profundo da terra, alcançando os domínios dos ancestrais. Essa ligação direta entre o visível e o invisível faz de Iroko o guardião dos segredos antigos. A lenda descreve que aqueles que conseguem ouvir as mensagens sussurradas pelas suas raízes são agraciados com sabedoria ancestral e orientação espiritual.

Há muito tempo, Iroko decidiu, em forma humana, percorrer aldeias e cidades oferecendo conselhos a quem buscasse a sua orientação. Vestido com simplicidade, passava despercebido, mas a sua presença transmitia sempre serenidade e ponderação. Os que tinham a fortuna de cruzar o seu caminho recebiam ensinamentos que transcendiam o tempo e as circunstâncias imediatas. Ao desaparecer, deixava atrás de si um rastro de quietude e compreensão. Esta lenda mostra Iroko não apenas como o guardião das árvores, mas como um sábio que caminha entre os homens, oferecendo a sua sabedoria. Cultuar Iroko é também proteger a natureza, plantar árvores e respeitar o equilíbrio do mundo natural.





O
ORISÁS REGENTES
2026
POR PAI JOMAR D'ÒGÚN
O



Apesar de ainda não ter terminado o ano de 2025, se mais surpresas não acontecerem, as que se mostraram já nos bastaram... foi um ano (2025) em que Sango (Xango) como Oyá, fizeram cair as máscaras não só daqueles que nos eram ou ainda os consideramos próximos, bem como dos que tendo ou detenham o poder, mostraram o quanto ignóbeis podem ser os homens; o quanto cínicas podem ser as suas atitudes; o quanto pesam menos os valores, que nos tornam mais gente, mais humanos, que os egos insufláveis que cada um tem dentro de si, às vezes de forma escondida e disfarçada... o quanto vazias são as suas palavras, o quão mortal é o abraço de alguns e o aperto de mão de outros. Por outras palavras, foi isto que de certa forma escrevi, o que poderia acontecer em 2025. Aconteceu. Acontece.

Para o ano de 2026 que se avizinha, é uma determinada continuidade, na esperança que "os bons" façam alguma coisa, impedindo que "os maus" continuem a sua senda, que nos destrói e destruirá tanto pessoalmente nas nossas relações individuais, como nas nossas relações enquanto povo, como nação, como mundo na sua configuração.

Na nossa vida pessoal, mediante a consulta aos búzios, vê-se a necessidade de estarmos

sempre alerta, sendo o mais possível certeiros nas nossas palavras, nas nossas escolhas e nas nossas atitudes em relação ao outro; no acreditar ou não no que vem do outro; da nossa capacidade de análise e de discernimento, do que vem de fora de nós!

A atenção e a autenticidade, devem caminhar em nós de mãos dadas.

O intercâmbio de ideias, o respeito pela dignidade (mais do que a tolerância), nos seus resultados, deverão ser sempre os mais certeiros! Só assim conseguiremos nas nossas relações interpessoais, encontrar caminhos para aquilo que realmente vale a pena: o amor em tudo o que colocamos, o que recebemos e o que damos. É nesta combinação, que encontraremos a harmonia desejada para a nossa realização, enquanto comuns mortais, enquanto pessoas que fazem da vida, o modo de dar vida a tudo o que nos cerca. Só assim evitaremos as consequências nefastas dos egoísmos, que se nos apresentarão durante o ano de 2026, que espreitarão em "cada esquina": uns, no trabalho; outros, na família; outros, nos deveres para com as instituições...vivemos e viveremos situações deveras instáveis e inseguras, que nem tudo dependerá de nós; mas com certeza, que dependerá, que dependerá de nós agir e

Orisás Regentes 2026



reagir, para que o negativismo não se estenda, não se torne num veículo de transmissão.

O único fio condutor que deveríamos ser, é o da solidariedade, da abertura ao outro, do respeito que todos nos deverão merecer.

Só os desrespeitosos por opção própria, não merecem o nosso respeito; apenas correção. Se assim fizermos, não contribuiremos para colocar nos lugares cimeiros, onde alguns decidem por nós, (no País de cada um), pessoas que são a negação daquilo que Deus e os Orisás (Orixás), desejaram para nós... e o primeiro desejo foi sem dúvida, que todos fossemos seus filhos! Todos!!! É infelizmente, porque assim não pensam aqueles que se acham "os donos do mundo", que vivemos e temos vivido tempos amargurados e de incertezas.

Se o Homem, não for capaz de ser "certeiro", se não tiver uma "visão aguçada" no diálogo com os vazios de inteligência, com os pavões cheios de ego vaidoso, que desejam reverter a rudimentar evolução da nossa civilização,

estaremos "condenados" a sofrer as terríveis consequências de certos "energúmenos", que se acham donos disto tudo, donos do mundo.

É preciso ser aguçadamente certeiro; É necessário muita dose de harmonia, equilíbrio e amor por todos e cada um, para que o pior não venha a acontecer.

Quem melhor para reger este ano de 2026, a fim que o melhor, ou menos mal possível possa resultar, que Pai Osossi (Oxosse) e Mãe Osun (Oxun) ?!

Que a sua flecha, Orisá duma flecha só e certeira ... a todos fortaleça, ensine e incentive. Que Mãe Osun, Orisá de elegância no trato, harmonia nas palavras e riqueza também de valores, a todos possa abençoar com os seus predicados, a fim que a humanidade possa ter um bom presente e um melhor futuro.

Sou um Homem de esperança e quero acreditar, que assim será.

Babalorisá (Babalorixá)

Pai Jomar





O PASSE ENERGÉTICO

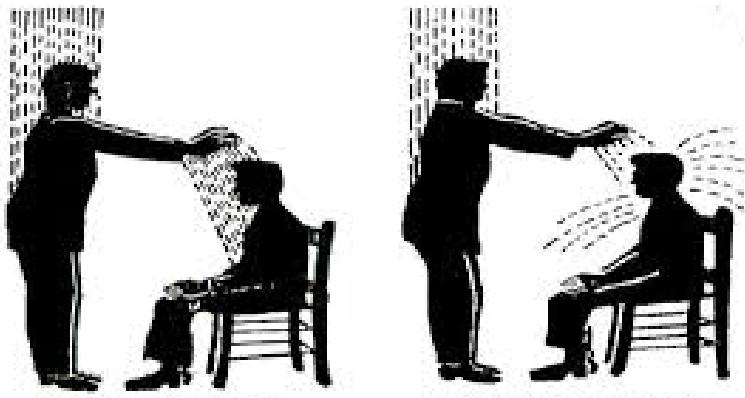
O Passe Energético Espiritual, também conhecido como Fluidoterapia, é uma prática de transmissão de energias vitais que atua profundamente no plano perispiritual do ser humano, servindo como ponte entre o mundo material e o plano espiritual. Através da imposição das mãos, a energia do universo flui para o indivíduo, promovendo equilíbrio, bem-estar e renovação integral. Não se trata apenas de um gesto físico, mas de uma experiência que conecta corpo, mente e espírito com as forças da vida, trazendo harmonia e fortalecendo a essência interior.

Esta prática baseia-se na capacidade de certos médiuns de captar, armazenar e redistribuir energias provenientes do Fluido Cósmico Universal. A energia circula abundantemente e manifesta-se naturalmente sempre que o médium está em sintonia com a intenção de bem-estar e equilíbrio. Durante a transmissão, os movimentos suaves e conscientes das mãos criam um fluxo de energia que revitaliza quem a recebe, promovendo uma renovação profunda e integral. O passe energético atua de forma universal e segura, sendo indicado para qualquer pessoa, pois a energia canalizada visa sempre o bem, restaurando harmonia, paz e equilíbrio interior, independentemente das circunstâncias ou dificuldades vividas pelo receptor.

Existem diferentes formas de aplicação do passe, cada uma delas com características próprias. Na modalidade magnética, o médium transmite também a sua própria energia vital, combinando a força individual com a energia universal de forma direta e eficaz. No passe espiritual, a energia transmitida provém de planos superiores, sendo canalizada de forma a amplificar a força e a profundidade da prática. Há ainda uma forma mista, que combina a energia do médium com a energia dos planos superiores, fortalecendo o efeito e promovendo uma maior integração energética.

O impacto do passe é vasto e profundo. Ele proporciona harmonia interior e equilíbrio emocional, reduzindo sentimentos de tristeza, ansiedade e melancolia, e promovendo serenidade e bem-estar emocional. Atua no corpo físico, trazendo alívio a dores e desconfortos, restaurando a vitalidade e promovendo a sensação de saúde integral. Simultaneamente, realiza uma limpeza energética, dissipando bloqueios e energias negativas, fortalecendo a força interior e restaurando o equilíbrio do corpo e da alma. O passe permite a integração da energia individual com a energia universal, promovendo conexão espiritual, paz interior e fortalecimento do espírito. Além disso, auxilia na recuperação do equilíbrio orgânico e energético, estimula a disposição e a

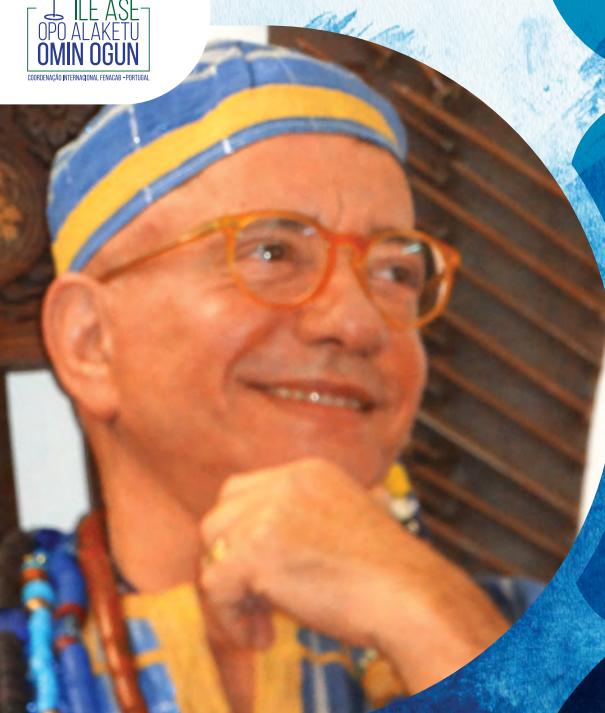
O Passe Energético



vitalidade, e contribui para enfrentar desafios com maior serenidade e clareza.

O Passe Energético Espiritual é, portanto, muito mais do que um simples gesto ou técnica; é uma prática de reconexão com a energia universal, de fortalecimento da essência interior e de promoção da harmonia em todas as dimensões do ser. Participar de um passe significa abrir-se para o fluxo de energias benéficas, permitindo que estas renovem o corpo, a mente e o espírito, trazendo equilíbrio, paz e bem-estar.

Em essência, o passe é uma manifestação concreta da energia do bem, da luz e da harmonia, proporcionando cura, proteção e fortalecimento. Ele convida à abertura do coração, à integração com a força vital universal e à renovação da própria essência. É uma prática que promove equilíbrio, serenidade e vitalidade, permitindo que cada indivíduo se reconecte consigo mesmo, com o universo e com a própria espiritualidade, vivenciando de forma profunda a presença do sagrado na sua vida.



Babalorisá

Pai de Santo de Candomblé Ketú

Jomar d'Ógun

Primeiro Coordenador Internacional da FENACAB
Balogun do Candomblé Ketú
Agabà do Ilé Asé Opo Alaketu Omin Ogún,
um dos mais antigos e conceituados
Terreiros de Candomblé em Portugal.

Consultas de Buzios

Atendimento com toda a seriedade,
honestidade e sigilo.

Saiba qual o seu Orisá e conheça melhor
o porquê de tantas coisas na sua vida!

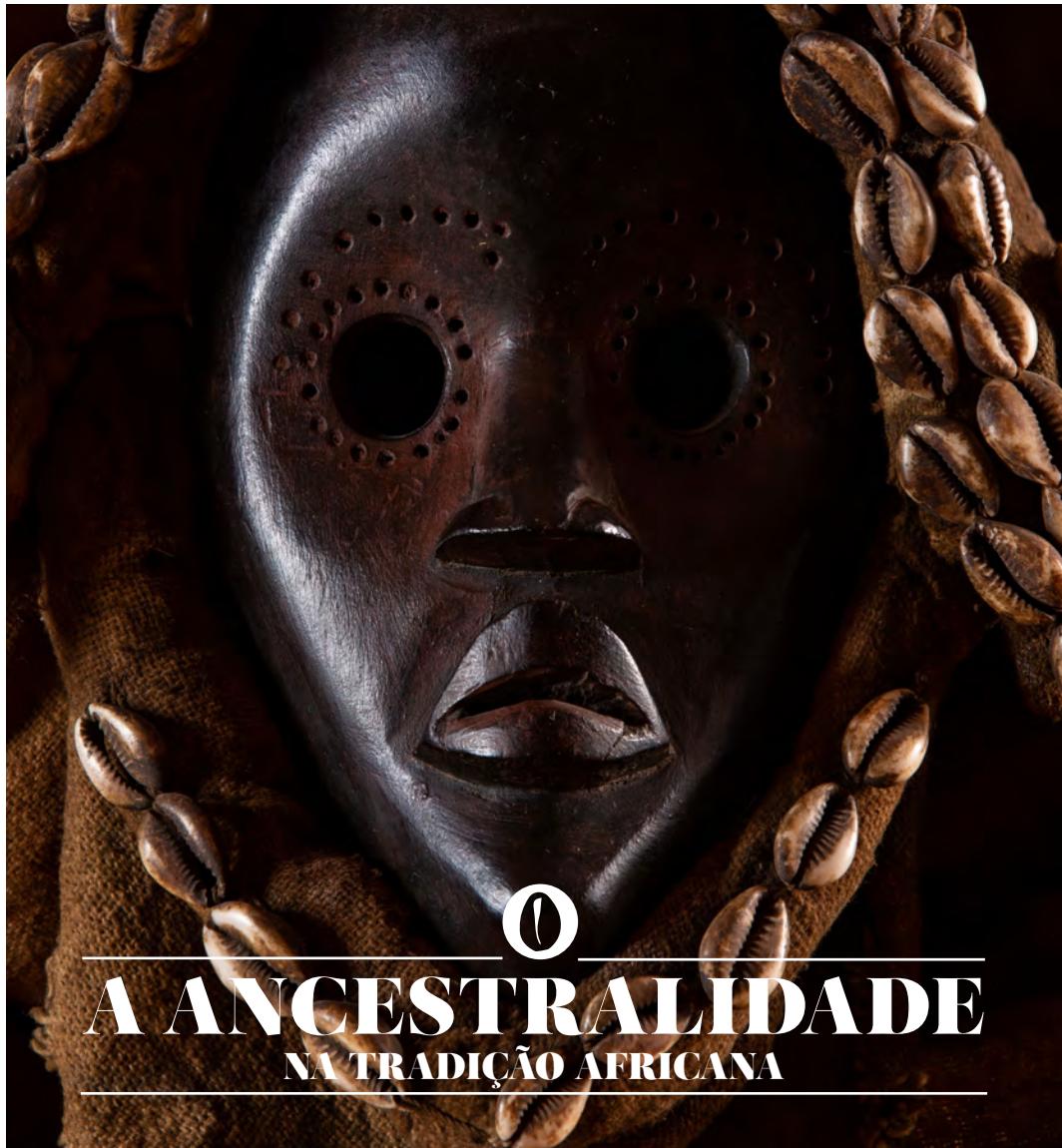
📞 (+351) 962 754 040

📞 (+351) 932 131 176

www.facebook.com/pai.jomar

babalorixajomar.com

✉ pai.jomar@hotmail.com



O A ANCESTRALIDADE NA TRADIÇÃO AFRICANA

Nas sociedades africanas de raiz tradicional, o respeito pelos antepassados ocupa um lugar central, funcionando como eixo espiritual e fundamento da vida comunitária. Mesmo nos contextos ritualísticos mais recentes, persiste a convicção de que a força vital dos antigos permanece activa, moldando o destino dos vivos e sustentando a ordem do mundo. O africano tradicional encara a existência como um campo dinâmico, onde vida, energia e sacralidade se entrelaçam de forma concreta e afectiva.

No cerne desta visão está a ideia de que todo o universo é animado por uma força original, concedida pela divindade suprema e distribuída

a cada ser segundo o seu papel e a sua natureza. Após essa força primordial, surgem os mortos — não como figuras apagadas, mas como entidades dotadas de poderes próprios, organizadas numa hierarquia que reflecte a intensidade da sua vitalidade espiritual. Assim, cada forma de vida participa dessa energia maior, em graus distintos.

A palavra, o sopro vital, a alma e a força são compreendidos como manifestações diferentes de uma mesma essência. No pensamento africano, falar, nomear ou realizar um rito é activar essa energia que percorre o cosmos e mantém todas as coisas em movimento.



A Comunidade como Centro da Existência

Para o africano tradicional, conhecer é participar. O mundo não é objecto de mera contemplação, mas de ligação concreta, simbólica e sensorial. Nos rituais, esta visão manifesta-se com clareza: as fronteiras entre o visível e o invisível tornam-se permeáveis e as acções simbólicas possuem efeitos reais.

A divindade é percebida como origem e sustentáculo de tudo. Não há distância entre causa espiritual e acontecimento material: o que se passa no mundo físico é expressão directa do que ocorre no plano sobrenatural. Daí nasce um sentido de totalidade que integra todas as esferas — o individual e o colectivo, o económico, o político, o religioso e o jurídico — numa unidade viva.

A tradição, sustentada pela repetição ritual, pelos ciclos da natureza e pelo prestígio dos mais velhos, reforça a coesão do grupo e confirma continuamente a ligação entre gerações. Os ritos de iniciação introduzem cada pessoa no corpo social e espiritual da

comunidade, tornando evidente a importância da família alargada e da linhagem.

A relação com o sagrado é intensa e marcada por sentimentos simultâneos de fascínio e respeito. Os antepassados, os heróis fundadores e os arquétipos da cultura são atualizados nos ritos, permitindo que a comunidade se reencontre com a sua origem e renove o seu equilíbrio.

À semelhança de um grande organismo, o mundo dos vivos comunica profundamente com o dos mortos. A vida e a morte não são opostos definitivos, mas etapas de uma mesma continuidade. Por isso, o comportamento humano assume naturalidade mágico-religiosa: interpretar sinais, perceber mensagens, procurar equilíbrio e proteção faz parte do quotidiano.

O Culto aos Antepassados

Embora cada povo africano possua práticas próprias, há elementos amplamente partilhados na relação com os antepassados. Em muitas comunidades, o estatuto de antepassado está

ligado à fertilidade e à continuidade da família: a pessoa que não deixa descendentes, por vezes, não pode integrar o círculo dos ancestrais.

A crença de que um antepassado pode renascer simbolicamente num descendente — sobretudo quando este recebe o seu nome — é frequente. A sobrevivência espiritual depende, assim, da memória familiar e das práticas rituais que asseguram comunicação contínua entre ambos os mundos. Esta convicção explica o valor atribuído à descendência numerosa, vista como garantia de continuidade e de ligação com o invisível.

Os antepassados protegem os vivos, oferecendo-lhes saúde, prosperidade, longevidade e harmonia. Em contrapartida, exigem respeito, devoção e retidão moral. Só quem viveu de acordo com os padrões comunitários — como exemplo, guia e depositário da tradição — pode ser reconhecido como antepassado legítimo.

O culto dirige-se sempre a membros de sangue da família ou do clã; rituais dedicados a mortos sem esta ligação não pertencem a este domínio. Existem, no entanto, relações espirituais estabelecidas dentro de sociedades religiosas ou iniciáticas, mas quase nunca ultrapassam os limites da própria comunidade.

A atitude perante os antepassados combina reverência e temor, afecto e prudência. Esta ambivalência exprime o carácter sagrado que lhes é atribuído: são protectores, mas também guardiães da ordem moral.





A FORÇA DOS ATABAQUES

O

Nos terreiros de Umbanda e Candomblé, os atabaques ocupam um lugar de supremacia simbólica e espiritual, funcionando como instrumentos que transcendem a simples produção de som. Não se trata apenas de tambores de madeira ou de peles esticadas; são veículos vivos de energia, portadores de axé, a força vital que circula em tudo e que constitui a essência do sagrado. Cada batida reverbera muito além do físico, criando uma ponte tangível entre o mundo terreno e o reino espiritual, estabelecendo comunicação direta com os Orixás, Guias e ancestrais que, na tradição afro-brasileira, jamais se afastam verdadeiramente do quotidiano humano.

O poder dos atabaques manifesta-se em múltiplas dimensões. Em primeiro lugar, na capacidade de conexão espiritual: os toques e os cânticos, conhecidos como fundamentos,

não são arbitrários; cada ritmo, cada variação no som, é uma linguagem codificada capaz de evocar uma entidade específica, chamar a sua atenção e sustentar a sua presença. No decorrer do ritual, o som torna-se o mediador entre o visível e o invisível, traduzindo o que não pode ser descrito em palavras em experiências sensoriais concretas. O tambor fala; o Orixá responde. O espaço do terreiro, sob a batida intensa e compassada dos atabaques, transforma-se num corpo coletivo de energia, pulsante e consciente, onde cada indivíduo se sente simultaneamente protegido e convocado para a experiência espiritual.

Paralelamente, os atabaques desempenham um papel essencial na ativação e harmonização dos centros energéticos, conhecidos na tradição iogue e espiritual como chacras. Os toques específicos ressoam com determinadas frequências que

A força dos Atabaques

estimulam os chacras superiores — o coração, a laringe e o terceiro olho — facilitando a comunicação emocional e espiritual, bem como a expressão da devoção; enquanto os chacras inferiores — o sacro, o básico e o plexo solar — são ativados para fornecer estabilidade, enraizamento e força vital. Esta ativação energética cria condições ideais para a incorporação mediúnica, permitindo que os participantes experimentem o transe de forma intensa, segura e controlada, ao mesmo tempo que o axé circula livremente pelo corpo, conectando o indivíduo ao coletivo e ao divino.

O ritmo dos atabaques possui também uma função purificadora e estruturante do ambiente ritualístico. Ao longo da gira, o compasso cadenciado limpa o espaço de energias dispersas, protege os participantes de influências externas negativas e estabelece uma atmosfera propícia à manifestação dos guias e à elevação da fé. O som torna-se assim uma espécie de escudo energético, sustentando o ritual e garantindo que cada momento da cerimônia se realize dentro de um contexto seguro e sagrado. Cada batida é, portanto, simultaneamente oração, proteção e chamamento, um gesto que mantém viva a tradição e fortalece a espiritualidade dos praticantes.

A dimensão cultural e ancestral dos atabaques

é igualmente profunda. São instrumentos de educação, identidade e pertença, conectando os praticantes à herança africana e à memória dos seus antepassados. A prática rítmica e o domínio dos fundamentos transmitem conhecimento que vai para além do musical: é a história de um povo que sobreviveu à diáspora, preservando a sua fé, a sua cosmovisão e a sua ligação à natureza e ao cosmos. Cada toque é uma lição de resistência, uma afirmação de existência e continuidade cultural, reforçando a autoestima e o sentido de comunidade entre aqueles que participam da gira. Os atabaques tornam-se, assim, verdadeiros guardiões da ancestralidade, traduzindo através do som a ligação entre passado, presente e futuro.

No Candomblé, a organização dos atabaques émeticamente estruturada. O Rum, maior e mais grave, comanda o toque principal, impondo o ritmo e ditando o fluxo da cerimônia. O Humpi-Runpí, de tamanho intermédio, responde ao Rum, criando diálogos sonoros que mantêm a dinâmica do ritual. Por fim, o Humlé-lé, menor e ágil, sustenta a base rítmica, garantindo coesão e continuidade, como se fosse o alicerce invisível sobre o qual se ergue toda a energia do terreiro. Cada tambor cumpre um papel específico, mas é na soma dos seus sons que se revela a



A força dos Atabaques



verdadeira força da gira: um coração pulsante que une todos os participantes, conduzindo-os numa experiência coletiva de transcendência. Além do aspetto ritual, os atabaques possuem também uma função estética e performativa. A beleza dos toques, a complexidade dos ritmos e a cadência dos movimentos dos Ogás e músicos criam uma experiência sensorial completa, capaz de fascinar mesmo aqueles que se aproximam do terreiro sem compreensão prévia. A música não é apenas ouvida; é sentida no corpo, ressoa na alma e, muitas vezes, transforma-se em catalisador de emoções profundas, evocando alegria, reverência, respeito e, acima de tudo,

uma ligação visceral ao divino. Em última análise, os atabaques representam a materialização do inefável. São a voz do sagrado, o fio condutor entre mundos, o veículo que transforma energia em fé, som em oração e tradição em experiência viva. Ao tocar, o Ogã não apenas executa um ritmo; ele abre portais, convoca ancestrais, sustenta a comunidade e perpetua uma cultura milenar. Os atabaques são, assim, muito mais do que instrumentos: são símbolos vivos da espiritualidade afro-brasileira, pulsando com a memória de um povo, ecoando nos corações e lembrando-nos que, através do som, podemos tocar o divino.



O SAÍDA DE AJOYÉ

No passado dia 18 de Outubro de 2025, foi com grande alegria que uma omo orisá completou mais um passo na sua caminhada espiritual, realizando a sua primeira obrigação e confirmação como Ajoyé. Como Agabá do Ilé Asé Opô Alaketu Omin Ògún e Babalorisá da nova autoridade, bem como em nome de toda a nossa família de Asé, quero desejar a Raquel d'Oyá que a sua Grande Mãe a continue a abençoar, proteger e orientar pela sua vida fora. Que Yá Oyá seja sempre o seu caminho,

trazendo-lhe muitas alegrias, saúde e prosperidade. Como Bábalarisá da Ekedí agradeço também a confiança em mim depositada, assim como gratidão ao Otun Orisá do Terreiro Babalorisá Paulo d'Yemonjá

Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo.

Olorun Modupé.

Babalorisa Jomar d'Ògún



Saída de Yaô





SÃO FRANCISCO DE ASSIS

VIDA E LEGADO

Origens

Francisco nasceu entre 1181 e 1182, na cidade de Assis, em Itália, filho de Pedro Bernardone, um comerciante próspero, e de Dona Pica. Foi inicialmente baptizado com o nome de João, na igreja de Santa Maria Maior, mas, após uma viagem de seu pai à França, passou a ser chamado Francisco, em homenagem à terra visitada. Desde cedo, cresceu rodeado de conforto material, mas também da influência de uma mãe que lhe transmitiu delicadeza, sensibilidade e virtudes que marcariam toda a sua vida.

Primeiros Anseios e Ambições

Na juventude, Francisco aspirava a conquistar fama, fortuna e prestígio. Como era costume na época, buscava a honra através das campanhas militares que frequentemente assolavam a região. Em 1201, sob o incentivo do pai, alistou-se numa guerra declarada contra a Comuna de Assis. Entre 1202 e 1205, atravessou um período de inquietação profunda, marcado por doença e reflexão sobre o sentido da vida.

Decidiu tornar-se cavaleiro, servindo a Igreja e lutando por causas que considerava nobres, conforme convocação do Papa Inocêncio III.

O Encontro com a Vocação

Em Espoleto, uma doença obrigou-o a permanecer, momento em que ouviu uma voz que lhe indagava sobre o verdadeiro serviço: servir ao Senhor ou aos homens? Esta experiência foi decisiva para a sua transformação interior. Em 1205, viajou até Roma, visitou a tumba de São Pedro e, indignado com a indiferença dos homens, entregou moedas aos pobres e trocou os ricos trajes por vestes humildes, experimentando a vida na pobreza pela primeira vez. Pouco depois, em Assis, um encontro com um leproso revelou-lhe a força da compaixão. O que antes lhe provocava repulsa transformou-se em docura espiritual, levando-o a dedicar-se à oração e ao serviço aos mais necessitados. A experiência na capela de São Damião, semidestruída pelo abandono, reforçou a sua vocação: ouvir a voz do crucifixo que lhe

ordenava restaurar a Igreja em ruínas.

Ruptura e Renúncia

O despojamento material tornou-se total. O pai exigiu a restituição dos bens, e Francisco, ciente da exigência de Cristo de priorizar Deus acima de tudo, despediu-se da família de forma simbólica, entregando-lhes os pertences e declarando que, dali em diante, apenas o Pai Celeste seria seu guia. A partir desse momento, entregou-se ao cuidado dos pobres e à reconstrução das pequenas capelas de Assis.

Vivência do Evangelho

Durante a reconstrução da capela de Santa Maria dos Anjos, a leitura de trechos do Evangelho despertou em Francisco a convicção de viver radicalmente conforme os ensinamentos de Cristo: sem bens, sem provisões, sem preocupações com segurança pessoal, entregando-se inteiramente à fé. Esta prática austera tornou-se a base da vida de Francisco e dos que se uniram a ele, vivendo de forma íntegra o Evangelho.

Evangelização e Seguidores

Francisco começou a percorrer aldeias e cidades, pregando e oferecendo exemplo de vida simples e piedosa. Inicialmente, não buscava seguidores, mas o seu carisma atraiu discípulos, como Bernardo de Quintaval e

Pedro de Catânia. Três leituras do Evangelho serviram de guia: vender os bens e seguir Cristo, percorrer o caminho sem provisões, e negar-se a si mesmo para carregar a cruz diariamente. Estes princípios definiram a vida da fraternidade que então se formava.

Fundação da Ordem dos Irmãos Menores

Em 24 de fevereiro de 1208, Francisco fundou oficialmente a Fraternidade dos Irmãos Menores. Em 1209, o Papa Inocêncio III reconheceu oficialmente o seu carisma, percebendo que a inspiração de Francisco vinha diretamente de Deus e que a sua missão traria renovação à Igreja.

Influência sobre Clara e a Vida Religiosa

A espiritualidade de Francisco inspirou Clara, que fundou a ordem das Clarissas, dedicando-se à pobreza, oração e vida comunitária. A sua orientação moldou não apenas Clara, mas também numerosos discípulos, transmitindo ensinamentos de humildade, caridade e serviço ao próximo.

Últimos Anos e Canonização

Em 1224, durante a festa da Porciúncula, recebeu a visão do Serafim alado e os estigmas, sinal de união total com Cristo. A saúde deteriorou-se rapidamente, e Francisco morreu a 3 de outubro de 1226, cantando

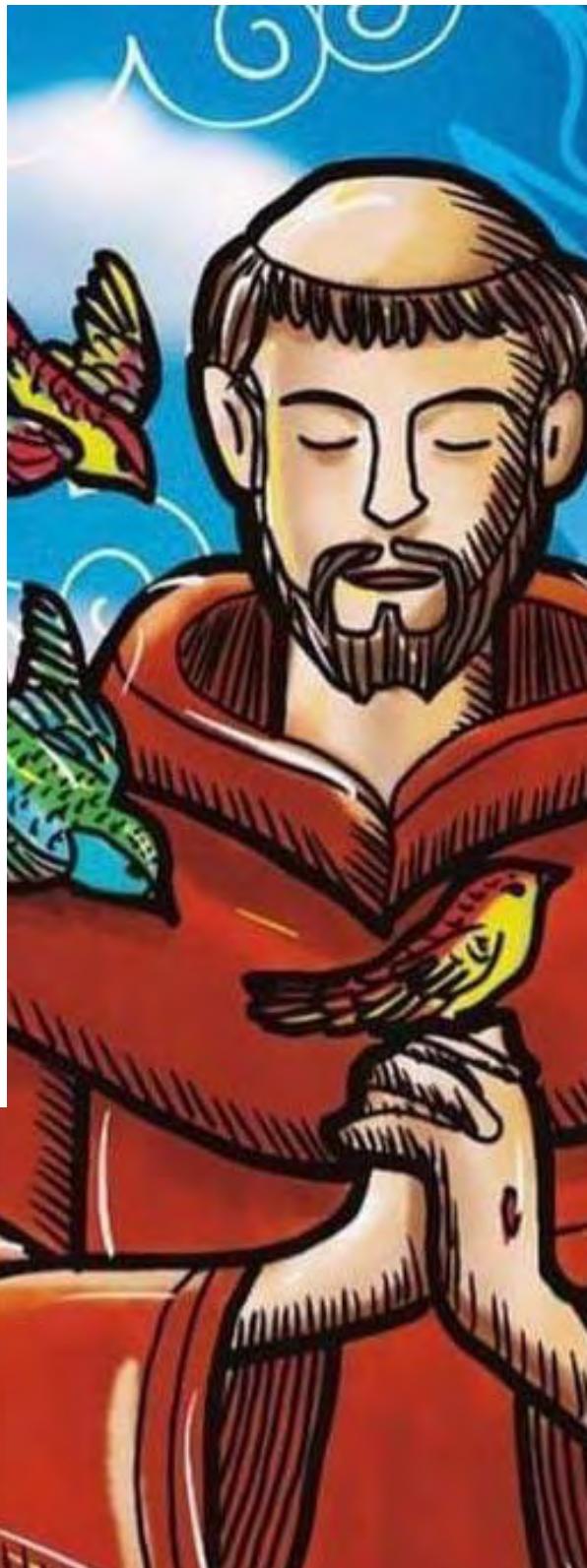


hinos de louvor. Foi sepultado na igreja de São Jorge, em Assis. Dois anos depois, em 16 de julho de 1228, o Papa Gregório IX canonizou-o, reconhecendo a sua vida exemplar de santidade e dedicação à natureza, aos animais e aos pobres. Em 1939, Pio XII proclamou-o padroeiro principal da Itália.

Legado e Oração

São Francisco permanece como símbolo de amor à criação, caridade, humildade e dedicação total a Deus. A oração atribuída a ele sintetiza a sua filosofia de vida: ser instrumento de paz, amor e esperança, transformando o mundo através de gestos de perdão e compaixão:

**“Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa Paz.
Onde houver Ódio, que eu leve o Amor.
Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão. Onde houver Discórdia, que eu leve a União. Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.
Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.
Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.
Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.
Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!
Ó Mestre, fazei que eu procure mais:
consolar, que ser consolado;
compreender, que ser compreendido;
amar, que ser amado.
Pois é dando, que se recebe.
Perdoando, que se é perdoado e é morrendo, que se vive para a vida eterna! Amém.”**





LINHA DAS ALMAS

A linha das almas constitui uma das expressões mais profundas e emblemáticas da Umbanda, revelando um universo espiritual onde o entendimento da vida e da morte se entrelaça com a prática de auxílio, orientação e evolução interior. Dentro desta tradição, que combina elementos africanos, indígenas e europeus, as falanges que compõem esta linha são formadas por espíritos que, tendo experimentado os ciclos da vida terrena, regressam ao plano físico com uma missão clara: servir como mediadores entre o mundo visível e o invisível, oferecendo orientação, consolo e sabedoria àqueles que ainda percorrem a existência material. Esta linha de trabalho não é apenas uma categoria abstrata de entidades espirituais; ela é um campo de energia onde se manifesta a compreensão do sofrimento humano, a empatia e a capacidade de transformar experiências dolorosas em oportunidades de crescimento e aprendizagem. As entidades que integram a linha das almas são, por definição, espíritos que viveram intensamente no plano terrestre e, ao retornarem, carregam consigo experiências de perda, superação, amor, arrependimento e iluminação. Cada um desses espíritos representa uma parcela do conhecimento acumulado através das encarnações, tornando-se guardiões da memória da vida humana e da

sua complexidade emocional. Esta dimensão do espiritual permite aos assistidos da Umbanda perceber que a morte não é um término absoluto, mas uma passagem natural, e que a existência continua sob outras formas, oferecendo ensinamentos e oportunidades de reflexão sobre o que realmente importa no percurso da alma. A importância da linha das almas vai além do consolo imediato, pois ela estabelece uma ponte entre o encarnado e o desencarnado, mostrando que o amor, a compreensão e a compaixão não estão limitados ao mundo físico. As falanges trabalham de modo a sensibilizar os indivíduos para a necessidade do desapego, da aceitação e da valorização do que é verdadeiramente essencial, ensinando que cada experiência vivida, mesmo que dolorosa, possui um propósito e pode contribuir para a evolução espiritual. Nesta perspectiva, a linha das almas torna-se um reflexo da própria filosofia da Umbanda, na qual a prática espiritual e a experiência de vida se entrelaçam de forma inseparável.

O guia das almas ocupa um papel central nesta configuração, funcionando como condutor e facilitador da comunicação entre os médiuns e as entidades. Este guia não apenas organiza e harmoniza a atuação das falanges, mas também incorpora em si a sabedoria de múltiplas

existências, sendo capaz de interpretar e traduzir os ensinamentos espirituais de forma que façam sentido para os encarnados. É através deste guia que se estabelece a coerência da linha, permitindo que cada entidade atue de acordo com a sua especialidade, seja ela orientação, cura emocional, esclarecimento ou consolo, mantendo sempre o foco na evolução e no equilíbrio espiritual daqueles que buscam auxílio.

A linha das almas também representa um espaço de reflexão sobre a própria condição humana. Ao interagir com estas entidades, os encarnados têm a oportunidade de confrontar os seus medos, dúvidas e angústias, compreendendo melhor a impermanência da vida e a continuidade da existência após a morte. A experiência oferecida por esta linha é simultaneamente reconfortante e educativa, pois ensina que a vida não termina com a morte física e que as lições aprendidas podem ser aplicadas em benefício próprio e do próximo. Este entendimento fortalece a consciência de que cada ação, cada escolha e cada sentimento têm repercussões que se estendem além do mundo físico.

No contexto cultural e histórico da Umbanda, a linha das almas reflete o encontro e a síntese de múltiplas tradições. As culturas africanas, com suas concepções sobre o mundo espiritual, a ancestralidade e a continuidade da vida, influenciaram profundamente a formação destas

falanges. Os elementos indígenas, por sua vez, contribuíram com a percepção da interconexão entre todos os seres vivos e a natureza, enquanto os princípios europeus, particularmente os de caráter cristão, incorporaram ideias de moralidade, serviço e caridade. O resultado é uma linha espiritual única, que representa a fusão de saberes e experiências diversas, tornando a Umbanda uma religião singularmente inclusiva e adaptável às necessidades espirituais de cada indivíduo.

A linha das almas exerce também uma função de equilíbrio e harmonia dentro da dinâmica energética dos terreiros. As falanges atuam como estabilizadores das energias, ajudando a neutralizar desequilíbrios emocionais, psíquicos e espirituais. A sua presença traz segurança, confiança e uma sensação de proteção aos encarnados, permitindo que enfrentem suas dificuldades com maior serenidade. A interação com estas entidades também desperta a consciência sobre a interdependência entre todos os seres, promovendo valores de solidariedade, empatia e compreensão, fundamentais para a construção de uma vida equilibrada e plena.

Outro aspecto relevante da linha das almas é a sua capacidade de demonstrar, de forma prática, que o crescimento espiritual é um processo contínuo. As entidades que a compõem não representam perfeição, mas sim a evolução constante, servindo como exemplo de como é



possível superar desafios, transformar dores em aprendizado e caminhar em direção à luz do conhecimento espiritual. Esta mensagem é essencial na Umbanda, pois reforça a ideia de que todos os indivíduos têm potencial para evoluir, independentemente das circunstâncias, das limitações ou das dificuldades enfrentadas na vida terrena.

A linha das almas ainda se destaca por oferecer uma compreensão profunda sobre a relação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Ao reconhecer a importância das experiências desencarnadas, aprendemos que a vida não se restringe à materialidade, mas que existe uma dimensão que transcende o corpo e os sentidos, permeada por energias, consciências e forças sutis que influenciam direta ou indiretamente a nossa existência. Esta percepção ajuda a desenvolver uma visão mais ampla sobre os acontecimentos da vida, reduzindo o medo da morte e promovendo uma maior valorização do presente, da convivência e da evolução pessoal.

Adicionalmente, a linha das almas funciona como um espaço de reconciliação. As falanges auxiliam os encarnados a lidar com sentimentos

de culpa, arrependimento ou rancor, oferecendo perspectivas que possibilitam a compreensão das experiências vividas e o perdão, tanto a si mesmo como aos outros. Este processo de reconciliação é essencial para a saúde espiritual, pois liberta a mente e o coração, permitindo que o indivíduo siga o seu caminho com leveza, sabedoria e propósito.

Por fim, compreender a linha das almas é compreender um dos pilares centrais da Umbanda: a integração entre o físico e o espiritual, o passado e o presente, o encarnado e o desencarnado. Ela nos ensina que a vida é um ciclo contínuo, que as experiências de dor e alegria têm valor e que a evolução espiritual é uma tarefa que exige consciência, dedicação e abertura ao aprendizado constante. Ao interagir com estas entidades, os praticantes da Umbanda aprendem a reconhecer a importância de cada alma, a respeitar os ciclos da existência e a cultivar virtudes que transcendem o tempo e o espaço, reforçando a ideia de que a espiritualidade não é apenas um recurso para momentos de dificuldade, mas um guia permanente para uma vida mais plena e iluminada.





VIVA ALÉGRE, COMA SAUDÁVEL!



PANQUECA DE BATATA-DOCE, AMÊNDOA E COCO

Ingredientes

100 g de batata-doce
3 colheres de sopa de farinha de amêndoas
50 mL de bebida vegetal
1 ovo médio
1 colher de café de fermento em pó
1 colher de sobremesa de coco ralado
Canela em pó q.b.
Óleo de coco ou azeite q.b. (opcional)

Instruções de preparação

Coloque a batata-doce a cozer num tacho com água. Depois de cozida, retire a pele e esmague a polpa com um garfo até obter um puré homogéneo. Reserve. Num processador de alimentos, junte o puré de batata-doce e misture com o ovo batido. Acrescente a farinha de amêndoas, o fermento em pó e a bebida vegetal, triturando até obter uma massa uniforme. Adicione o coco ralado e envolva bem na mistura. Unte uma frigideira antiaderente com óleo de coco, pré-aquecida, e retire o excesso com papel absorvente. Quando estiver quente, coloque a massa e deixe cozinhar cada lado durante cerca de três minutos. Sirva as panquecas polvilhadas com canela a gosto.



EBÓ | OFERENDA

Cozer um prato de milho vermelho, Polvilhar com coco ralado. Enfeitar com rodelas de coco seco. Ofereça no assentamento ou na mata, junto a uma árvore em crescimento, a pai Osossi, agradecendo e fazendo os respetivos pedidos.



INVOCAÇÃO

**OKÉ ARO!
PAI OSOSSI (OXOSSE),
PAI DO GRANDE ASÈ:
NOS DÊ O VOSSO ASÈ DO
ACERTO!
NOS INCUTA O VOSSO
ASÈ DA BOA COLHEITA!
QUE APRENDAMOS
COMO O SR, A UTILIZAR
A FLECHA DA PAZ,
DA LIBERDADE, DO
DIÁLOGO, DO RESPEITO
E DA HONRA!**



PREVISÕES PARA OS MESES DE DEZEMBRO A MAIO



CARNEIRO

21/03 a 20/04

Novo ciclo de vida. Amadurecimento forçado. Fim de velhos hábitos e crenças. Exige mais responsabilidade e clareza de propósito. Aja com estratégia, não apenas por impulso. Construa bases sólidas para o futuro.

Faça da sua casa um refúgio e invista no seu bem-estar emocional. Não corra contra o tempo. Defina um foco e evite a dispersão de energia, fortalecendo assim a sua autoestima e, consequentemente, atraindo relações mais maduras e autênticas.



TOURO

21/04 a 20/05

Sofreu, nos últimos anos, grandes transformações pessoais. Aproveite para libertar-se de velhos padrões, surpresas e mudanças repentina (visuais, na rotina e na identidade).

Abrace as mudanças e não resista ao novo. Mantenha a mente aberta e flexível. Crie novas habilidades para aumentar o seu potencial de ganhos.

Diga o que sente e utilize o poder da palavra para o seu crescimento. Busque o equilíbrio entre a estabilidade que tanto valoriza e a necessidade de espaço do parceiro. Organize o seu dia, estabeleça limites e evite o excesso de idealização no trabalho.



GEMEOS

21/05 a 20/06

O auge da sorte e da expansão pessoal abre novos caminhos, trazendo mais otimismo, crescimento da autoconfiança e oportunidades em todas as áreas. Este é o seu grande ano!

Inicie projetos audaciosos e abra-se a novas experiências. Acredite no seu potencial. Aproveite a sorte e planeie os seus ganhos com inteligência e estratégia.

Assuma o protagonismo no seu campo de atuação, trabalhando com seriedade e foco. Use a sua comunicação para resolver pendências e fortalecer os seus laços afetivos. Selecione com cuidado as pessoas que o inspiram e apoiam os seus novos propósitos.



CARANGUEJO

21/06 a 20/07

Período de sorte e expansão pessoal. Muitas oportunidades de crescimento em todas as áreas, mais otimismo, autoconfiança e a chance de realizar metas importantes. Defina objetivos ambiciosos e trabalhe com disciplina para alcançar um novo patamar social. Prepare-se financeiramente para um futuro de grandes projetos, focando na poupança.

Invista em aprendizado e espiritualidade para um profundo crescimento interno. O desejo de conexão profunda e de partilha de planos com o parceiro está em alta. O diálogo é a chave para aprofundar os laços.



LEÃO

21/07 a 20/08

Expansão de novos horizontes, estudos superiores e crenças. Oportunidade de lançar projetos ambiciosos, que exigem disciplina e seriedade para serem estruturados. Mantenha o otimismo, mas trabalhe com método e foco para materializar as suas grandes ideias. Invista no networking e colabore com grupos para alcançar os seus objetivos.

Lide com a verdade sobre questões financeiras delicadas. Momento de cura e amadurecimento emocional. Tire um tempo para si, recarregue as energias e cuide da saúde mental. Busque parcerias que apoiem a sua busca por liberdade e crescimento pessoal.



VIRGEM

21/08 a 20/09

Amadurecimento e estrutura nos relacionamentos sérios, sejam amorosos ou de negócios. Parcerias frágeis podem desfazer-se, enquanto as sólidas se fortalecem com compromisso. Assuma a responsabilidade pelo tipo de parceria que atrai e busca. Seja claro sobre as suas expectativas.

Planeje os seus movimentos de carreira e esteja pronto para assumir um papel de liderança ou maior visibilidade. Amplie o seu networking e colabore com pessoas que partilham os seus ideais e metas. Busque clareza e objetividade ao lidar com assuntos financeiros delicados ou impostos. Invista em estudos e viagens para enriquecer a sua visão de mundo e a carreira.





BALANÇA 21/09 a 20/10

Início de um ciclo de amadurecimento e seriedade nos relacionamentos amorosos e de negócios. Parcerias frágeis podem ser testadas; as sólidas estruturam-se com compromisso. Seja claro sobre as suas expectativas e assuma a responsabilidade pelas suas escolhas de parceiro. Invista em conhecimento e abra-se a culturas e filosofias diferentes. Estabeleça limites no trabalho e cuide da saúde mental e física com rigor. Busque liberdade financeira por meio de investimentos ou renegociação de dívidas.

CAPRICÓRNIO 21/12 a 20/01

Início de um ciclo de reestruturação profunda do lar e das raízes. Exige maior responsabilidade familiar ou a necessidade de organizar o ambiente doméstico de forma permanente. Fortaleça os seus alicerces emocionais e defina limites saudáveis na vida familiar. Abra-se para o compromisso e invista na felicidade e expansão das suas parcerias. Optimize os seus métodos de trabalho e priorize o autocuidado e o bem-estar. Foque-se no aprendizado de longo prazo e use a comunicação de forma estratégica e responsável. Permita-se inovar nos seus hobbies e encontre maneiras autênticas de se divertir.



ESCORPIÃO 21/10 a 20/11

Início de um ciclo de sorte nas finanças partilhadas (heranças, empréstimos e investimentos) e de cura emocional profunda. Estruture a sua rotina com rigor para melhorar a produtividade e o bem-estar físico. Busque conhecimento e invista em experiências que ampliem a sua visão de mundo. Continuação da revolução nas parcerias amorosas e de negócios. Podem ocorrer rompimentos inesperados ou encontros súbitos que mudam o status do relacionamento. Dedique-se com seriedade aos seus prazeres e assuma o papel de liderança na educação dos filhos, se aplicável.



AQUÁRIO 21/01 a 20/02

Início de um ciclo de amadurecimento na comunicação e nos estudos. Exige disciplina para aprender, escrever e estruturar ideias. A sua palavra ganha peso e seriedade. Use a comunicação de forma estratégica, sendo claro e responsável ao transmitir informações. Priorize o bem-estar e invista em hábitos que melhorem a sua qualidade de vida. Deixe a criatividade fluir e abra-se para a alegria e a paixão. Organize o seu orçamento e invista no futuro com disciplina. Busque liberdade dentro do lar e evite prender-se a padrões familiares antigos.



SAGITÁRIO 21/11 a 20/12

Início de um grande ciclo de sorte e expansão nas parcerias amorosas, conjugal e de negócios. Ótimo momento para casamento ou sociedades. Invista na comunicação e abra-se a novas e importantes conexões. Materialize as suas ideias com disciplina. Não idealize excessivamente as relações. Fortaleça os seus alicerces e crie um ambiente doméstico que lhe traga segurança e estrutura. Use recursos externos para o seu crescimento. Lide com a verdade sobre as suas emoções profundas. Adapte-se rapidamente a novos métodos de trabalho para otimizar a sua rotina.



PEIXES 21/02 a 20/03

responsabilidades e definir metas de vida a longo prazo com seriedade. Defina os seus limites e trabalhe com disciplina para materializar os seus sonhos. Organize o seu orçamento com rigor e evite gastos desnecessários. Invista no seu bem-estar em casa e fortaleça os laços familiares. Continuação da revolução na comunicação e no aprendizado, com ideias originais e súbitas e oportunidades de aprender coisas novas de forma rápida e inovadora.



O SAÍDA DE YAO

No passado dia 01 de Novembro de 2025, foi com grande alegria que um omo orisá do Ilé Asé Opô Alaketu Omin Ògún concluiu mais um passo da sua caminhada espiritual, realizando a sua iniciação no Candomblé. Como Baba Egbé do Ilê e Babalorisá da Yaô, bem como em nome de toda a nossa família de Asé , queremos desejar a Célia d' Ògún, que o seu Grande Baba a continue a abençoar, proteger e orientar pela sua vida fora.

Que Baba Ògún seja sempre o seu caminho,

trazendo-lhe muitas alegrias, saúde e prosperidade.

Como Bábalarisá da Yaô agradeço também a confiança em mim depositada, assim como gratidão eterna ao Agabá da Casa, Babalorisá Jomar d'Ògún e ao Otun Orisá do Terreiro Babalorisá Paulo d'Yemonjá Agradeço também a todos os Omo Orisá pelo empenho e amor ao Santo. Olorun Modupé.

Babalorisa Miguel d'Ògún



Saída de Yao





O GAMELEIRA BRANCA

No coração das florestas brasileiras, ergue-se a gameleira, árvore de tronco robusto e raízes aéreas que descem do alto como fios ancestrais a tocar a terra, como se quisessem conectar o céu e o solo num abraço eterno. Sob a sua copa densa, a luz do sol filtra-se em mosaicos dourados, criando refúgios frescos onde a vida se aninha em silêncio. Mais do que uma mera planta, a gameleira parece guardar a memória da terra e a sabedoria dos séculos, como se cada nó, cada fissura da sua madeira, contivesse segredos que apenas os espíritos da floresta compreendem. É conhecida também como figueira-brava ou mata-pau, nomes que transcendem a descrição botânica e sugerem a força, a resistência e a aura de mistério que emanam de sua presença, tornando-a símbolo de perseverança, proteção e conexão profunda com a natureza.

As suas raízes aéreas, que descem serpenteando do alto, entrelaçam-se com outras árvores e rochas, ora oferecendo sustento e abrigo, ora impondo a sua força numa dança silenciosa

de coexistência e sobrevivência. Nessas raízes, a árvore extrai não apenas água e nutrientes, mas também energia vital que parece vibrar no próprio solo, como se o corpo da gameleira fosse um elo entre o mundo visível e o invisível. Sob a sua copa, aves de diversas cores encontram abrigo, macacos saltitam entre os galhos, e pequenos insetos movimentam-se sem pressa, compondo uma sinfonia discreta de vida que revela a interdependência de todas as espécies. Os frutos pendentes da gameleira alimentam tanto a fauna como os seres humanos que dela se aproximam, perpetuando ciclos de vida, morte e renovação, fazendo da árvore não apenas um ser vivo, mas uma verdadeira guardiã da floresta e da harmonia do ecossistema.

A gameleira impõe-se na Mata Atlântica, no Cerrado e mesmo em regiões mais áridas, revelando uma adaptabilidade notável. A sua capacidade de sobreviver e prosperar em diferentes solos e climas reflete não apenas força física, mas também uma sabedoria

Gameleira Branca

silenciosa adquirida ao longo dos séculos. A árvore parece conhecer o ritmo do tempo, resistir às tempestades e florescer apesar das adversidades, tornando-se símbolo de resiliência e longevidade. Ela é, em cada aspecto, um monumento vivo à paciência da natureza e à sua implacável capacidade de regeneração.

Mas a presença da gameleira não se limita à esfera física. Nas tradições populares brasileiras, esta árvore assume dimensões sagradas. Torna-se ponto de encontro entre o mundo terreno e o espiritual, um local onde se depositam oferendas e preces, e onde se acredita que os ancestrais observam e protegem aqueles que se aproximam com respeito e reverência. Histórias e lendas transmitidas de geração em geração falam de encontros amorosos, rituais secretos e eventos sobrenaturais que acontecem sob a sua sombra, conferindo-lhe um caráter quase místico, capaz de transformar qualquer espaço comum numa encruzilhada de energias invisíveis.

A gameleira é também palco de convivência comunitária. Em vilas e aldeias, a sua sombra acolhe reuniões, celebrações e festas, tornando-se o coração social do local, um ponto de convergência onde a vida cotidiana se entrelaça com a espiritualidade e a tradição. As raízes e o tronco tornam-se testemunhos silenciosos

de histórias humanas, guardando memórias de encontros, acordos, risos e lágrimas, numa continuidade entre o passado e o presente. Diferentes espécies de gameleira apresentam particularidades que revelam facetas diversas desta guardiã da floresta. A Figueira-Brava, com tronco esbranquiçado e folhas largas, produz frutos que atraem animais e pássaros, contribuindo para a dispersão de sementes e perpetuação da vida. A Mata-Pau, por sua vez, cresce sobre outras árvores, envolvendo-as com raízes aéreas, demonstrando a complexa dança da coexistência e da competição, onde a proteção e a dominação se equilibram delicadamente. A Figueira-Estranguladora, como o próprio nome sugere, envolve a planta hospedeira até que esta sucumba, um lembrete silencioso da força inexorável da natureza e da necessidade de adaptação e resiliência. Cada espécie, à sua maneira, mantém o equilíbrio ecológico, protege o solo, proporciona abrigo e alimento, e sustenta uma rede invisível de relações que mantém a floresta viva.

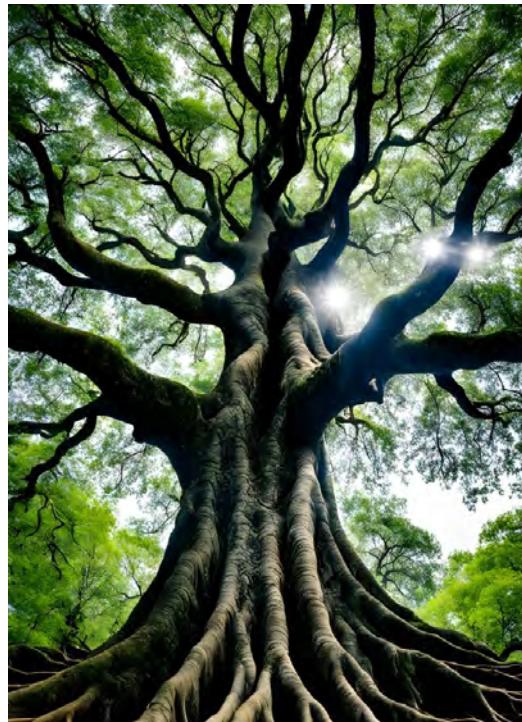
Os usos humanos da gameleira também revelam a sua importância multifacetada. A sua madeira resistente é empregue na construção, na marcenaria e no artesanato, transformando-se em estruturas duradouras, móveis rústicos ou



Gameleira Branca

ornamentos que carregam a força da árvore. As folhas, frutos e cascas possuem virtudes medicinais reconhecidas há séculos, sendo usadas para aliviar inflamações, tratar feridas, estimular a fertilidade e harmonizar a saúde digestiva. Para os animais, a árvore é fonte de alimento e refúgio; para a terra, um escudo natural contra a erosão, protegendo rios e nascentes, mantendo a humidade e a fertilidade do solo.

Mais do que tudo, a gameleira inspira contemplação. A sua presença impõe respeito e reverência, lembrando que cada árvore, cada raiz, cada folha é parte de um todo maior. Olhar para a gameleira é perceber a interconexão entre todos os seres, a persistência da vida e a paciência da natureza. Ela ensina que a força não reside apenas no crescimento rápido ou na exuberância passageira, mas na capacidade de permanecer firme, proteger, nutrir e sobreviver. A gameleira é, assim, guardiã, professora e símbolo da própria vida, perpetuando-se como um monumento vivo à força e à sabedoria da natureza, um elo sagrado entre o humano, o animal e o divino.



A portrait of Babalórisá Paulo d'Yemonjá, a man with a beard and mustache, wearing a blue turban and traditional Candomblé beads. He is standing in front of a blue background featuring white fish illustrations.

Babalórisá Paulo d'Yemonjá

Pai de Santo de Candomblé Ketú

Consultas de Buzios
Veja como organizar a sua vida para
obter melhores resultados!
Sigilo, honestidade e descrição

21 259 54 08
93 213 11 77

paulo.ketu@hotmail.com
www.facebook.com/babalorisapaulo.dyemonja

ILÉ ASÉ
ÓPO ALAKETU
OMIN OGUN



O CANDOMBLÉ

EXPRESSÃO CULTURAL E RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA

O Candomblé, enquanto religião afro-brasileira, não é apenas uma expressão espiritual, mas também um testemunho histórico da diáspora africana e da resiliência cultural dos povos escravizados. Sua formação não aconteceu de maneira linear ou uniforme; ao contrário, é fruto de encontros, deslocamentos forçados e adaptações profundas, tanto no plano simbólico quanto no social e ambiental. A própria etimologia do termo remete à ideia de culto, louvor e reza, conceitos que se entrelaçam à noção de preservação de memória ancestral e continuidade de práticas culturais em contextos hostis. Ao ser trazido para o Brasil, o Candomblé tornou-se um espaço de resistência, organização comunitária e reinvenção, onde tradições africanas foram reinterpretadas e adaptadas a um território desconhecido, marcado por ecossistemas distintos, culturas indígenas e uma sociedade colonial marcada pela violência e desigualdade.

Os diferentes grupos africanos que chegaram ao Brasil entre os séculos XVII e XIX trouxeram consigo cosmologias complexas, códigos

sociais, linguagens simbólicas e sistemas de conhecimento profundamente ligados à natureza. Os iorubás, conhecidos também como nagôs, vindos do território da atual Nigéria, trouxeram estruturas hierárquicas, modelos de cooperação comunitária e sistemas de governança interna que se refletiam na organização de cultos e sociedades rituais. Os jejes, oriundos do antigo Daomé, agregaram outros elementos simbólicos, incluindo a veneração de divindades que personificavam forças naturais específicas, enquanto os bantos, dispersos por diferentes regiões do centro e sul da África, contribuíram com formas de sociabilidade e crenças que se mesclaram às práticas já existentes, criando uma riqueza de tradições que se consolidaria no território brasileiro. A convivência desses grupos, forçada pelas condições da escravidão, exigiu uma reorganização cultural que permitisse a preservação da identidade africana, ao mesmo tempo em que se adaptavam a novos ambientes e interagiam com outras etnias e culturas locais. A chegada tardia de iorubás e jejes em relação

O Candomblé, Expressão cultural e religiosa afro brasileira

aos bantos, especialmente à Bahia, conferiu-lhes um status de relativa "pureza" cultural, ou seja, de preservação de práticas e crenças menos misturadas com elementos externos. Essa característica favoreceu a manutenção de estruturas rígidas de hierarquia, regras de convivência e padrões sociais que refletiam a organização tradicional africana. Por outro lado, os bantos, pela interação mais intensa com populações mestiças e indígenas, foram responsáveis por inovações simbólicas, reinterpretando rituais, adaptando cultos e incorporando elementos ambientais locais, como novas espécies de plantas, rios e florestas, para manter viva a conexão com a ancestralidade. Esta dinâmica resultou em uma diversidade de expressões religiosas que, apesar de distintas, compartilhavam o mesmo fundamento: a ligação indissociável entre ancestralidade, natureza e identidade cultural.

O Candomblé no Brasil desenvolveu-se, portanto, como um espaço de reinvenção cultural contínua, onde a preservação da memória ancestral se articulava com a necessidade de adaptação. Os primeiros terreiros organizados, como a Casa Branca do Engenho Velho, fundada em Salvador, ilustram essa síntese entre tradição e inovação. Espaços

como este não apenas preservavam divindades, mitos e narrativas, mas também estruturavam a vida social, garantindo que valores éticos, papéis comunitários e respeito à experiência e à hierarquia fossem transmitidos de forma consistente. A Casa Branca e outros terreiros pioneiros atuaram como centros de preservação cultural, mantendo o vínculo entre gerações e fortalecendo a identidade de grupos que, fora desse espaço, enfrentavam discriminação e marginalização.

Um aspecto central do Candomblé é a relação com a natureza, que se manifesta na forma como os elementos naturais são incorporados à simbologia da religião. Rios, florestas, animais e solos férteis não são apenas cenários ou recursos, mas parte da própria cosmovisão: o ser humano é percebido como uma extensão da natureza, e a ação humana é entendida como influenciada e mediada pelos elementos naturais. Essa concepção permitiu que os africanos transplantados para o Brasil reconstruissem seus cultos, reinterpretando a flora e fauna locais, redesenhando a geografia simbólica e mantendo a conexão com o que consideravam sagrado. O estudo das árvores, dos rios e dos bosques sagrados revela como os elementos naturais foram lidos como símbolos



Roger Dípo



de ancestralidade, força e continuidade cultural, funcionando como mediadores entre o mundo humano e o mundo espiritual.

A adaptação ambiental incluiu também o deslocamento simbólico de divindades. Xangô, que na África era associado a um reino específico, precisou ser reinterpretado em função das novas paisagens brasileiras; Oxum, divindade da água doce, passou a ter suas narrativas ligadas aos rios locais, como o Rio Oxum; Iemanjá, originalmente cultuada em rios africanos, encontrou no litoral brasileiro uma nova morada simbólica. Essas adaptações não significaram perda de identidade, mas a capacidade de preservar e reforçar a ligação ancestral em contextos geográficos e ecológicos distintos. Cada mudança no ambiente físico resultava em novas formas de ritualizar, simbolizar e interagir com o mundo, mostrando a plasticidade cultural do Candomblé e sua capacidade de reinvenção.

A ancestralidade, elemento central do Candomblé, é transmitida através de histórias, mitos e práticas culturais que mantêm viva a

memória dos antepassados. Esses elementos funcionam como sistemas de conhecimento que orientam a vida social, ética e simbólica dos adeptos. A consciência histórica é reforçada pela oralidade, pela preservação de genealogias, pela narrativa dos mitos fundadores e pela valorização de experiências coletivas que atravessaram a escravidão, o exílio e a discriminação. Cada mito ou narrativa sobre os Orixás serve como uma metáfora para a história do grupo, ligando passado e presente, experiência individual e memória coletiva, natureza e sociedade, e permitindo que cada geração compreenda seu lugar no mundo e seu vínculo com os ancestrais.

O Candomblé, dessa forma, representa uma síntese entre tradição e inovação, história e natureza, ancestralidade e adaptação cultural. Ele é tanto um reflexo das experiências africanas como um produto das condições brasileiras, onde o deslocamento geográfico, a escravidão e a interação com outras culturas forçaram uma reconfiguração simbólica. A religião tornou-se um meio de preservação



identitária, de construção de memória coletiva e de articulação entre o humano e o ambiente, revelando uma inteligência cultural que permite a sobrevivência e continuidade de um legado complexo, resistente e profundamente significativo.

O estudo do Candomblé exige, portanto, não apenas o entendimento dos elementos ritualísticos, mas também a análise das estratégias culturais, sociais e ambientais que permitiram sua preservação e reinvenção. A trajetória dos afro-brasileiros ilustra como culturas, mesmo diante da violência, da dispersão e da marginalização, conseguem preservar identidade, transmitir memória e construir formas inovadoras de expressão cultural que dialogam com o passado e com o presente. O Candomblé é, assim, ao mesmo tempo, religião, história, ecologia simbólica e testemunho da capacidade humana de manter coesão cultural e memória coletiva em condições de adversidade extrema, estabelecendo um modelo singular de continuidade cultural que permanece vivo até hoje.



AGORA ON-LINE





ENCONTRE AQUILO QUE PRECISA!

CASA DE OGUN - Hipermercado Nº1 em comércio de produtos de Candomblé, Umbanda, Esotéricos e Espiritualidade, abriu no Laranjeiro-Almada, para Portugal e toda a Europa!!! Na CASA DE OGUN, encontra todos os artigos de fundamento e de Axé, que precisa! Para além de outras e muitas coisas, temos: roupas de santo e para Orixá por medida, Ferramentas de Orixá, búzios, sementes, favas, waji, ori, ékodidé, penas africanas, fios de contas para os seus Orixás, kélés, pembas, bradjás, missangas, firmas, ótás, ibás para assentamento, banhos de ervas vários, etc...

ACONSELHAMENTOS e **SIMPATIA** de pessoas experientes!

PREÇOS IMBATÍVEIS! (PREÇOS ESPECIAIS PARA TERREIROS)!

CASA DE OGUN - O ponto de encontro dos Pais e Mães de Santo, Profissionais Esotéricos e Público em geral!

CASA DE OGUN - Está registada na FENACAB (MAT:001) **CASA RECOMENDADA**

Horário: Segunda a Sábado das 10:00h às 19:00h (Abertos à hora de Almoço) e aos Sábados, estamos abertos até às 17:00!

casa de 
OGUN

COMÉRCIO DE PRODUTOS DE
CANDOMBLÉ, UMBANDA, ESPIRITUALIDADE E ESOTÉRICOS

Alameda Guerra Junqueiro, 34 - Laranjeiro
2810-072 Almada (Perto do Millenium, BANIF e estação de metro S. Gedeão)
Tel: 21 259 54 08 | TM: 96 634 00 55
E-mail: casadeogun@gmail.com
casadeogun_lojaonline@hotmail.com
<http://www.casadeogunlojaonline.com>